

Este texto está sujeito à seguinte licença:

Licença Creative Atribuição-UsO Não-Comercial-Compartilhamento pela mesma Licença 2.5 Portugal Commons

Para este efeito os autores são Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Martins e Pedro Carreira.

Descarregue, partilhe, utilize e transforme. Mas exclusivamente para fins não comerciais e creditando sempre as autorias originais. E volte a partilhar eventuais obras derivadas deste mesmo modo.

O Pilar de Fogo

Distintos Convidados:

Numa idade em que a maioria dos jovens lutam para desvendar os segredos da Matemática e os mistérios da Bíblia; numa idade em que o primeiro amor desponta; com a tenra idade de 16 anos, puseram-me nas mãos uma espingarda para que eu me pudesse defender.

Esse não era o meu sonho. Eu queria ser Engenheiro Hidrográfico. Estudava numa escola agrícola e pensava que Engenheiro Hidrográfico era uma profissão importante no meu país. Ainda penso isso hoje. No entanto, fui levado a recorrer à espingarda.

“Deus tem piedade dos bebés nos infantários” escreveu um poeta que está aqui entre nós esta noite, e eu cito as suas palavras:

“Deus tem piedade dos bebés nos infantários,
Menos piedade tem das crianças nas escolas,
E já não terá nenhuma dos seus pais.”

Durante décadas, Deus não teve piedade dos nossos bebés em infantários, das nossas crianças nas escolas ou dos seus pais. Há muitas gerações que não tem havido piedade no meu país.

A assinatura de um Tratado de Paz não é fácil nem para mim, enquanto militar e estadista, nem para o nosso povo que nos observa neste momento com um misto de esperança e apreensão. Não é certamente fácil para as famílias das vítimas da guerra, da violência e do terror, cuja dor nunca sarará. Para os muitos milhares que defenderam as nossas vidas com as suas, esta cerimónia veio tarde demais.

Vimos de uma terra angustiada e desgostosa. Vimos de um povo, de uma casa, de uma família, que não conheceu um único ano ou um único mês no qual mães não chorassem pelos seus filhos. Vimos para tentar pôr fim às hostilidades, para que as nossas crianças e as

crianças das nossas crianças já não experimentem o doloroso preço da guerra, da violência e do terror.

Sr.as e Srs.:

Em tempos fui um jovem, agora completamente crescido em anos. E de todas as memórias armazenadas em todos estes anos de vida, aquilo que mais recordarei até ao meu último dia são os silêncios: o pesado silêncio do momento seguinte e o terrível silêncio do momento anterior.

Como militar, como comandante e como ministro, ordenei o desencadear de muitas operações militares. Sob a minha responsabilidade, homens e mulheres jovens que queriam viver, queriam amar, marcharam antes para a sua morte. Caíram defendendo as nossas vidas. E juntamente com a alegria da vitória e o desgosto da perda, recordarei sempre o momento imediatamente a seguir à tomada destas decisões: o sussurro à medida que os oficiais ou ministros de gabinete se levantam lentamente; a visão das suas costas que se afastam; o som da porta que se fecha, e depois o silêncio em que sou deixado sozinho.

É neste momento que percebemos que, como resultado da decisão que acabámos de tomar, há pessoas que poderão estar a caminho da morte. Pessoas da minha nação, pessoas de outras nações. E elas ainda não o sabem. Naquele momento elas estão ainda a rir e a chorar; ainda fazem planos e sonham com o amor; ainda se alegram com a perspectiva de plantar um jardim ou construir uma casa - e não fazem ideia de que estas são as suas últimas horas na Terra.

Como antigo militar, também recordarei sempre o silêncio do momento imediatamente anterior: o sussurro em que os ponteiros do relógio parecem precipitar-se em frente, quando o tempo começa a esgotar-se e na próxima hora, no próximo minuto, o Inferno irromperá. Nesse momento de grande tensão mesmo antes do dedo premir o gatilho, mesmo antes do rastilho começar a arder; na terrível calma do momento, ainda há tempo para questionar, questionarmo-nos sozinhos: Será mesmo imperativo agir? Não haverá outra escolha? Nenhum outro caminho?

Sr.as e Srs.:

A profissão militar contém um certo paradoxo. Colocamos os nossos melhores e mais corajosos jovens no Exército. Damos-lhes equipamento que custa virtualmente uma fortuna. Treinamo-los rigorosamente para o dia em que terão de cumprir o seu dever - e esperamos que o cumpram bem. No entanto, rezamos fervorosamente para que esse dia nunca chegue - para que os aviões nunca levantem vôo, para que os tanques não avancem, os soldados não se lancem ao ataque para o qual foram tão bem treinados. Rezamos para que não aconteça, por causa da santidade da vida.

Mas o que é que aqueles que se ocupam profissionalmente da violência têm a ver com valores espirituais?

O mundo reconheceu que o nosso exército é diferente da maioria dos outros exércitos. Apesar da sua principal tarefa, a de manter a segurança, ser de facto militar, o Exército assume numerosas tarefas que visam o objectivo da paz. Estas não são destrutivas mas construtivas e são levadas a cabo com o fim de fortalecerem os recursos morais e culturais da nação.

A guerra é intrinsecamente dura e cruel, e o sangue e as lágrimas são os seus companheiros. Mas a guerra que nós travámos também evidenciou maravilhosos exemplos de rara coragem e heroísmo e as mais tocantes manifestações de fraternidade, camaradagem e até grandeza espiritual.

Quem nunca viu a tripulação de um tanque continuar o seu ataque apesar do seu comandante ter sido morto e o tanque quase destruído, quem nunca viu sapadores arriscarem as suas vidas para retirar os camaradas feridos dos campos minados, quem nunca testemunhou a preocupação por um piloto caído em território inimigo e os esforços incansáveis feitos por toda a Força Aérea para o salvar, não pode conhecer o significado da devoção entre colegas.

O nosso exército só foi capaz de derrotar as forças das nações inimigas por se sustentar em valores humanos e morais. Os nossos pilotos que atingiram os aviões inimigos com tal pontaria que ninguém percebeu como o fizeram e o mundo procura explicá-lo tecnologicamente, falando de armas secretas; as nossas tropas que se mantiveram no seu território e venceram o inimigo mesmo quando o seu equipamento era inferior

ao dele; os nossos soldados que venceram os nossos inimigos apesar da sua superioridade numérica e de fortificações: o que todos eles demonstraram foi não só um enorme sangue frio e coragem no campo de batalha mas também uma fé apaixonada na justiça da sua causa.

Em todos os sectores os nossos comandantes provaram ser superiores aos do inimigo. Há apenas uma explicação inteligível para isto - a sua profunda convicção de que a guerra que travavam era uma guerra justa.

Os nossos soldados prevaleceram não pela força das suas armas mas pelo seu sentido de missão, pela consciência da justiça da sua causa, pelo profundo amor pelo seu país, e pela compreensão da pesada tarefa que lhes foi incumbida: assegurar a existência do nosso povo na sua terra natal e afirmar, mesmo a custo das suas vidas, o direito do nosso povo viver a sua vida no seu Estado, livre, independente e em paz.

O exército que eu tive o privilégio de comandar nesta guerra veio do povo e volta ao povo: um povo que se ultrapassa a si próprio em tempo de crise e prevalece

sobre todos os inimigos na hora do julgamento devido à sua força moral e espiritual.

Sr.as e Srs.:

No nosso Estado sempre considerámos a santidade da vida como um valor supremo. Nunca fomos para uma guerra sem que nos tivessem forçado à guerra.

Nos próximos dias, uma comissão especial das nossas Forças de Defesa acabará de definir um Código de Conduta para os nossos soldados. A formulação referente à vida humana será a seguinte, e passo a citar:

“Reconhecendo a sua suprema importância, o soldado preservará a vida humana de todas as maneiras possíveis e colocará a sua vida em perigo apenas na medida necessária ao cumprimento da sua missão. A santidade da vida encontrará expressão em todas as suas acções.”

Por muitos anos vindouros - mesmo que a guerra chegue ao fim, mesmo que a paz chegue ao nosso país - estas palavras ficarão como um pilar de fogo, uma luz que guiará o nosso povo.

E nós temos orgulho nisso.

Sr.as e Srs.:

Tal como não existem duas impressões digitais idênticas, não existem duas pessoas idênticas, e cada país tem as suas leis e cultura, tradições e líderes. Mas se há uma mensagem universal que pode abraçar o mundo inteiro, ela é a mensagem da santidade da vida. Só há uma maneira radical de santificar a vida humana. A única solução radical é a verdadeira paz.

Sr.as e Srs.:

Do alto desta tribuna, olho em volta e vejo apenas um deserto. Quase não há vida aqui. Não há água, não há um poço, nem uma nascente, apenas campos minados.

Assim foram as nossas relações nos últimos anos: um deserto. Nem um monte verde, nem árvores, nem sequer uma única flor.

Chega uma hora em que é necessário ser forte e tomar decisões corajosas, vencer os campos minados, a seca, a esterilidade entre os nossos dois povos.

Nós estamos destinados a viver juntos no mesmo solo, na mesma terra. Nós, os soldados que voltámos da guerra manchados de sangue, nós que vimos os nossos familiares e amigos serem mortos à nossa frente, que fomos aos seus funerais e não conseguimos encarar os olhos dos seus pais, nós que viemos de uma terra onde os pais enterram os seus filhos, nós que lutámos contra vocês-

Nós queremos dizer-vos hoje em alto e bom som: Basta de sangue e de lágrimas. Basta. Nós não temos qualquer desejo de vingança. Nós não guardamos qualquer ódio por vocês. Nós, como vocês, somos pessoas que querem construir uma casa, plantar uma árvore, amar, viver ao

vosso lado com dignidade, com empatia, como seres humanos, como homens livres.

Nós vivemos muitos dias de dor, vocês viveram muitos dias de desgosto, mas a perda une-nos, tal como nos une a bravura, e nós homenageamos aqueles que sacrificaram as suas vidas. Temos que perdoar a angústia que causámos uns aos outros, limpar os campos minados que nos dividiram durante tantos anos e substituí-los por campos de abundância.

Do alto desta tribuna, olho em volta e vejo-vos: à nossa geração e à próxima. Nós somos aqueles que vão transformar este lugar estéril num oásis fértil.

Queremos abrir um novo capítulo no triste livro das nossas vidas conjuntas, um capítulo de reconhecimento e respeito mútuo, de boa vizinhança, de compreensão.

Eu aprendi a conhecer e admirar o poder calmo e sorridente com que vocês guardam a vossa nação e a coragem com que têm guiado o vosso povo. Não são apenas os nossos Estados que hoje fazem as pazes um com o outro, não são apenas as nossas nações que apertam as mãos aqui. Vocês e eu estamos a fazer a paz

aqui, a nossa própria paz, a paz dos soldados e a paz dos amigos.